

O USO DA TELEDRAMATURGIA EM AULAS DE HISTÓRIA: O CANGAÇO NA MINISSÉRIE *LAMPIÃO E MARIA BONITA* (1982)

THE USE OF BRAZILIAN TELEDRAMATURGY IN HISTORY CLASSES: CANGAÇO IN THE MINISERIES *LAMPIÃO E MARIA BONITA* (1982)

Bruno José Yashinishi¹

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre a utilização da minissérie da TV Globo, *Lampião e Maria Bonita* (1982), como recurso didático em aulas de História no Ensino Médio que colabore com a compreensão dos alunos a respeito do cangaço brasileiro. Essa produção da teledramaturgia brasileira será adotada como fonte e ferramenta do conhecimento histórico, atendendo aos pressupostos teóricos e metodológicos adequados para esse tipo de abordagem. O objetivo é fomentar nos estudantes a capacidade de analisar criticamente as imagens televisuais e conseguir, por meio das representações sociais presentes na minissérie, aprender de forma mais prazerosa e consciente sobre o movimento social do cangaço, presente no sertão nordestino durante a República Velha e sobre os personagens envolvidos em seu contexto histórico, principalmente o casal Lampião e Maria Bonita.

Palavras-chave: Cangaço; História e Minissérie; Ensino de História.

Abstract: This article proposes a reflection on the use of the TV Globo miniseries, *Lampião e Maria Bonita* (1982), as a didactic resource in History classes in High School that collaborates with the students' understanding

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é especialista em Estudos Interdisciplinares em Humanidades pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Graduado em Filosofia pelo Centro Educacional Claretiano Studium Theologicum, também possui graduação em Sociologia pela Universidade Paulista e em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Email para contato: yashinishibruno@outlook.com. Endereço para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3395747963129718>.

about Brazilian *cangaço*. This production of Brazilian television drama will be adopted as a source and tool of historical knowledge, meeting the theoretical and methodological assumptions appropriate for this type of approach. The goal is to foster in students the ability to critically analyze television images and achieve, through the social representations present in the miniseries, earn more pleurably and conscious about the social movement of *cangaço*, present in the northeastern backcountry during the Old Republic and about the characters involved in its historical context, especially the couple Lampião and Maria Bonita.

Keywords: *Cangaço*; History and Miniseries; History Teaching.

Introdução

A minissérie da TV Globo *Lampião e Maria Bonita*, de 1982, tornou-se um marco na teledramaturgia nacional, pois se trata da primeira minissérie televisiva do Brasil. Este artigo pretende suscitar reflexões e sugestões metodológicas sobre a utilização desta minissérie como recurso didático em aulas de História para o Ensino Médio que colabore com a compreensão dos alunos a respeito do *cangaço* brasileiro. Para tanto, o artigo se desdobra em três partes.

Na primeira parte serão discutidas algumas questões que possibilitem adotar a televisão como fonte e documento para o conhecimento histórico. Como se verá, a proliferação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) ampliaram consideravelmente as possibilidades de recursos aplicáveis à Educação, principalmente no trabalho em sala de aula com a utilização de filmes, músicas, vídeos, *internet* e programas de televisão.

A História também passou a irmanar no conjunto de suas fontes e documentos a produção audiovisual, a ponto de tomá-la como aliada para o conhecimento histórico e representação social de fatos históricos, desde que sejam empregados procedimentos metodológicos adequados.

A segunda parte pretende demonstrar como a minissérie *Lampião e Maria Bonita* pode ser trabalhada como recurso didático e elucidativo quanto à temática proposta para as aulas de História, propiciando conhecimento histórico e representações sociais sobre o cangaço. O entendimento das representações sociais é oriundo da Psicologia Social, sobretudo das contribuições de Serge Moscovici (2007) e da relação desta concepção teórica com o campo da História.

Na terceira parte do artigo será apresentada uma proposta para o ensino de História utilizando a minissérie *Lampião e Maria Bonita*. Essa proposta atende às sugestões metodológicas do historiador Marcos Napolitano (2008b), que apresenta a possibilidade do uso de uma minissérie nas aulas de História em sala de aula para séries do Ensino Médio, seguindo basicamente quatro passos: 1º Objetivo; 2º Material-fonte; 3º Texto-gerador; 4º Roteiro.

Dessa forma, o objetivo da proposta presente neste artigo é fomentar nos estudantes a capacidade de analisar criticamente as imagens televisuais e conseguir, por meio das representações sociais presentes na minissérie, aprender de forma mais prazerosa e consciente sobre o movimento social do cangaço, presente no sertão nordestino durante a República Velha e sobre os personagens envolvidos em seu contexto histórico, principalmente o casal Lampião e Maria Bonita.

Televisão como documento e fonte para o conhecimento histórico

Desde a segunda metade do século XX tornou-se perceptível o grande avanço na produção, disseminação e consumo das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), sobretudo a televisão e a internet. Esses meios de comunicação de massa impactaram diretamente a Educação, provocando novas mediações entre elementos centrais do processo educativo, como a abordagem do professor, a compreensão dos alunos e os conteúdos estudados. Para Vani Moreira Kenski:

Não há dúvida de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor (KENSKI, 2007: 46).

Segundo a autora, as TICs de fato provocam alterações e promovem maior dinamicidade no processo educativo quando são compreendidas e incorporadas pedagogicamente, ou seja, o uso da internet ou da televisão em sala de aula, por exemplo, requer um conhecimento metodológico adequado para o tipo de tecnologia selecionada, que por sua vez condiciona o tipo de abordagem empregada neste uso (KENSKI, 2007).

Nesse sentido, filmes, documentários, músicas, programas de TV, entre outros recursos podem ser adotados como fonte de conhecimento e de ensino nas aulas de disciplina de História quando são utilizados de forma metodologicamente adequada (FONSECA, 2003). O conhecimento histórico, por sua vez, é uma construção que objetiva o desenvolvimento da

compreensão histórica da realidade social. Como construção, esse conhecimento necessita ser problematizado, assim como o ensino da História, que deve sempre tomar a experiência do aluno como ponto de partida para a relação com os conteúdos históricos, utilizando as mais diversas fontes para compreender e explicar historicamente a realidade em que vive (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

No caso das fontes imagéticas, José Augusto Alves Netto e Hudson Siqueira Amaro (2012) partem do pressuposto que o uso das imagens requer uma abordagem parecida com a que se utiliza com um texto considerado histórico, mas não perdendo de vista as especificidades da metodologia de análise:

Assim como os textos escritos, as imagens trazem em si um potencial de positividade interpretativa histórica bastante pertinente e que não deve ser posto de lado por um ranço oriundo de um modismo acadêmico (ALVES NETTO; AMARO, 2012: 66).

Entretanto, ao discutir sobre os desafios do historiador frente às fontes audiovisuais, Marcos Napolitano (2008^a: 270) alerta para que essas fontes não sejam tomadas como testemunhos diretos e objetivos da história, mas antes problematizados dentro de suas estruturas internas de linguagem e mecanismos de representação da realidade social.

Ao longo dos últimos setenta anos, a TV desenvolveu-se como um amplo sistema expressivo, detentor de uma linguagem, de uma ética e de uma estética próprias, que ampliaram sua própria noção conceitual de mero instrumento técnico e tecnológico para uma mídia de grande relevância social. Asa Briggs e Peter Burke (2006) observam que, desde os primórdios

da televisão, vários teóricos defenderam o seu caráter educativo, para além de mero entretenimento midiático.

Tendo em vista que a televisão se configurou como um dos maiores meios de comunicação e a principal forma de interação dos seres humanos com as informações, é possível pensar o uso de produções da teledramaturgia como documento e fonte da História. Segundo Monica Almeida Kornis:

No contexto de abertura da história para novos objetos, os filmes – tanto os de ficção quanto os documentários e os cinejornais – e os programas de televisão passavam a ser encarados como fontes preciosas para a compreensão de comportamentos, das visões de mundo, dos valores e das ideologias de uma sociedade ou de uma época (2008: 23).

Para Kornis (2008), uma dimensão fundamental na relação entre História e audiovisuais consiste na atração desse tipo de fonte para a atividade didática. A produção televisiva, por exemplo, pode ser tomada como uma grande ferramenta nas aulas de História, principalmente quando se opta por trabalhar com algum programa, telenovela, documentário ou minissérie que tenha como pano de fundo a própria História.

Evidentemente, o uso da TV para fins didáticos requer uma metodologia adequada para o cumprimento dos objetivos propostos. O que “se vê” na TV deve ser problematizado e não tomado como retrato fiel da realidade, mas sim como um processo, uma construção social sobre determinado tema que se enquadra na linguagem do meio que veicula as imagens. No entanto, essa problematização não é um empecilho para o professor que pretende usar uma fonte audiovisual durante as aulas, mas sim parte fundante do seu propósito na abordagem desse tipo de objeto.

Vale ressaltar que, na maioria dos casos, as fontes oriundas do cinema ou da TV que abordem temas históricos não são contemporâneas aos fatos, portanto é importante abordar o contexto de produção dessas fontes. Isso implica tratá-las como fontes secundárias, tal como preconizam Schimidt e Cainelli (2004: 97): “Essas fontes nos chegam por pessoas que realizam reconstruções do passado, cujas referências são diferentes testemunhos ou relatos”. Jaime e Carla Bassanezi Pinsky (2016) refletem sobre um ensino de História diferenciado, que proporcione um conhecimento histórico prazeroso e consciente para os estudantes. Esse ensino deve acarretar a diversificação de fontes trabalhadas, novos métodos e abordagens que tornem as aulas mais dinâmicas e interessantes, como o uso de fontes audiovisuais, por exemplo.

No Brasil, uma das maiores expressões da televisão é sua teledramaturgia, sobretudo as produções da Rede Globo de Televisão, maior canal de TV do país. Monica Almeida Kornis (2011) ressalta que a programação ficcional televisiva da Rede Globo, voltada para o grande público, desde a década de 1960 atua como “uma pedagogia do que é ser brasileiro” (KORNIS, 2011: 97), ou seja, incita os telespectadores a um sentimento de pertencimento nacional, comparável ao papel de Hollywood com relação à sociedade estadunidense. A partir da década de 1970, a Globo criou e desenvolveu o chamado “padrão de qualidade”, utilizando aspectos históricos e contemporâneos da sociedade brasileira como fundamentação para as tramas de sua teledramaturgia, sobretudo das telenovelas. Portanto, além de usarem a História como referência, as próprias produções televisivas do gênero da teledramaturgia fizeram parte da história e da imaginação social brasileira (YASHINISHI, 2020).

Nesse sentido, Amanda da Silva Menger (2012) defende que a produção televisiva, sobretudo a teledramaturgia com temática histórica, pode se tornar grande aliada do professor no processo de ensino-aprendizagem. Não perdendo de vista que toda produção de TV que tenha relação com conteúdos históricos é produto histórico de seu tempo, Menger aponta que a teledramaturgia facilita uma melhor compreensão dos conteúdos programáticos pelo aluno, bem como fomenta uma análise crítica sobre os meios de comunicação e sua relação com a educação.

A minissérie *Lampião e Maria Bonita* e as representações sociais do cangaço

A teledramaturgia pode ser entendida como “a encenação, gravada e transmitida via TV, que articula personagens, diálogos e núcleos dramáticos” (NAPOLITANO, 2008b: 87). É caracterizada pela gravação em estúdio, completada por gravações em ambientes externos, e editada na forma de capítulos diários. Um de seus subgêneros é o das minisséries, que segue os padrões das telenovelas, mas possui a particularidade de desenvolver um tema central através de um número bem menor de capítulos, assim como: “Permite um aprofundamento de temas e tem menos compromisso com as vicissitudes da audiência. Pode durar de quatro a trinta capítulos” (NAPOLITANO, 2008b: 88).

A primeira minissérie da televisão brasileira foi *Lampião e Maria Bonita* produzida pela Rede Globo e exibida em oito capítulos, de 26 de abril a 5 de maio de 1982. Escrita por Aguinaldo Silva e Doc Comparato e dirigida por Paulo Afonso Grisolli e Luiz Antônio Piá foi premiada com medalha de

ouro no Festival Internacional de Cinema e Televisão de Nova York (MEMÓRIA GLOBO, 2003).

A minissérie *Lampião e Maria Bonita* se baseia nos últimos seis meses de vida de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (Nelson Xavier), entre os anos de 1920 e 1930. Lampião é acompanhado em suas andanças por Maria Bonita (Tânia Alves), com quem teve uma filha chamada Expedita (Adriana Barbosa) e pelo seu grupo de cangaceiros.

Logo no primeiro episódio, o bando de Lampião sequestra o geólogo inglês Steve Chandler (Michael Menaugh) e envia um bilhete ao governo da Bahia exigindo 40 mil contos de réis pelo resgate. Porém, esse bilhete cai nas mãos do sargento Libório (Roberto Bonfim), autoridade militar da cidade de Jeremoabo, que avisa o governador e inicia uma caçada a Lampião e seu bando pelas tropas do tenente Zé Rufino (José Dumont). O jornalista Lindolfo (Helber Rangel) se dedica a explorar o fato, apesar de o caso correr em sigilo.

A relação entre Lampião e Maria Bonita é o eixo central no decorrer da trama. Além disso, os confrontos constantes dos cangaceiros e suas aventuras pelo sertão nordestino são representados com atenção aos diálogos, cenários e figurinos. Quanto à negociação pelo geólogo, o governo pede a prisão de um irmão de Lampião a fim de que o cangaceiro se entregue, mas após longas tentativas de negociação, o Rei do Cangaço encontra seu fim em 28 de julho de 1938 na gruta de Angico em Sergipe.

Lampião, Maria Bonita e os integrantes de seu bando são surpreendidos ao amanhecer do dia pelos soldados de polícia capitaneados pelo tenente José Batista (Gilson Moura) que descobrem seu esconderijo. Os

cangaceiros são metralhados sem possibilidade de reação, pondo fim à saga do mais famoso bandoleiro do Nordeste brasileiro.

Na minissérie, os confrontos constantes dos cangaceiros e suas aventuras pelo sertão nordestino são representados com atenção aos diálogos, cenários e figurinos. São esses elementos da trama seriada que possuem um caráter de representações sociais do cangaço.

O psicólogo social romeno Serge Moscovici (2007) é um dos autores mais importantes para a compreensão das representações sociais. Em sua teoria, as representações sociais podem ser entendidas como sistemas de ideias, valores e práticas que possuem uma dupla natureza: a convencional e a prescritiva. Dessa maneira, as representações sociais são resultado, de um lado, da apropriação de conteúdos vindos de períodos cronológicos distintos e, de outro, daqueles gerados por novos contextos.

Nesse sentido, no caso de uma minissérie histórica, como *Lampião e Maria Bonita*, as representações sociais são controladas e criadas a partir das narrativas já existentes na historiografia. Machado (2013: 25) considera que, “As obras têm como referentes acontecimentos, documentos e registros narrados pela historiografia, que permite que o autor crie sua trama ficcional sem perder de vista os rastros históricos”. Portanto, a história contada pelos meios de comunicação supõe apropriações, por parte desses meios, de discursos historiográficos existentes. Essas narrativas ou discursos historiográficos utilizados pelos meios de comunicação podem resultar de livros de historiadores ou livros didáticos de História, pesquisa histórica, ambiente histórico em romances de ficção e revistas modernas de história (MACHADO, 2013). As apropriações dessas narrativas por parte dos

realizadores de uma obra audiovisual fundamentam a busca e criação do seu efeito de verossimilhança.

Yashinishi (2020) estudou as representações sociais do cangaço na minissérie *Lampião e Maria Bonita* utilizando um método de análise para a imagem em movimento. O autor investigou diversas cenas que apresentam representações dentro de três eixos temáticos: “O sertão nordestino como fundo e cena”, onde aspectos do sertão, tais como clima, solo, a caatinga, entre outros, são apresentados nas cenas; “A violência no cangaço”, com representações da brutalidade exercida por Lampião e seu bando, assim como a violência policial e conflitos com os cangaceiros; e “O romance entre Lampião e Maria Bonita”, com cenas que demonstram a relação amorosa entre o casal de cangaceiros mais famoso da história, bem como o papel da mulher naquele contexto histórico e no interior do cangaço.

Essa seleção de cenas e análise das representações pode contribuir para a utilização da minissérie em sala de aula, proporcionando conhecimento histórico aos estudantes de maneira prazerosa e consequente, como preconizado por Jaime e Carla Pinsky (2016).

Proposta para o ensino de História através da teledramaturgia

Optou-se nesse artigo por sugerir uma proposta de ensino de História para as séries do Ensino Médio, que porventura tenham aulas sobre o cangaço. A escolha deve-se, em primeiro lugar, pela familiaridade dos estudantes dessa etapa da educação básica com o tema proposto no conteúdo sobre história do Brasil. Em segundo lugar, atentou-se pela faixa etária dos estudantes do Ensino Médio em consonância com a classificação indicativa da minissérie, 14 anos.

O historiador Marcos Napolitano (2008b) apresenta uma proposta do uso de uma minissérie nas aulas de História em sala de aula. Para tanto, oferece uma metodologia que segue basicamente quatro passos: 1º Objetivo; 2º Material-fonte; 3º Texto-gerador; 4º Roteiro. Em todas essas etapas, o papel do professor como agente instigador de debates e orientação dos alunos é de extrema importância.

O primeiro passo, o “Objetivo”, corresponde a: “Analisar como o conteúdo historiográfico é representado num programa de teledramaturgia” (NAPOLITANO, 2008b: 94). Essa análise deve ser feita previamente pelo professor que se interesse em utilizar a minissérie como fonte para o ensino de História. Se tratando de *Lampião e Maria Bonita*, de 1982, deve-se prestar atenção em como o cangaço é representado na teledramaturgia, bem como os personagens, as locações, os figurinos, elementos narrativos, etc., o que leva conseqüentemente ao segundo passo, o “Material-fonte”, que é compreender a minissérie adotada para o trabalho com os alunos. Dessa forma, o audiovisual selecionado deve ser compreendido como uma minissérie histórica, ou seja, com personagens, fatos e narrativas históricas presentes em seu enredo.

O terceiro passo, “Texto-gerador” trata-se de adotar um aporte teórico sobre o tema abordado pela teledramaturgia a fim de fundamentar a relação entre História e audiovisual. Dessa maneira, se tratando de uma minissérie que tenha como referência o cangaço brasileiro, a bibliografia adotada é voltada para questões referentes à contextualização histórica e espacial, os personagens envolvidos e possíveis definições que levem a compreensão

desse movimento social do campo surgido nas primeiras décadas do século XX.

O contexto histórico abordado na minissérie é o período da Primeira República ou República Velha. Boris Fausto (2006) salienta que durante este período o sistema político era controlado pelas elites oligárquicas, uma porção mínima da sociedade, mas que detinham o poder dos estados no sistema federalista. Além disso, Fausto adota a denominação “política do café com leite” fazendo alusão à política das oligarquias que alternavam na presidência da República políticos de São Paulo e Minas Gerais. Essa política caracterizava-se como um processo excludente e oligárquico, onde a maioria não tinha participação política, como aponta Maria Efigênia Lage Resende:

A denominação de República oligárquica, frequentemente atribuída aos primeiros 40 anos da República, denuncia um sistema baseado na dominação de uma minoria e exclusão de uma maioria no processo de participação política. Coronelismo, oligarquia e política dos governadores fazem parte do vocabulário político necessário ao entendimento do período republicano em análise. (RESENDE, 2003: 91).

O continuísmo do poder e a não participação massiva da população e de seus interesses políticos marcaram profundamente o desenvolvimento do período da República Velha. Esse contexto acabou por não viabilizar avanços na construção da cidadania desde a independência do Brasil (RESENDE, 2003).

Essas características do sistema político geraram o surgimento de revoltas, demonstrando o descontentamento das camadas populares para com a elite dominante. Essas revoltas ocorriam tanto no espaço urbano quanto no

rural. José de Souza Martins (1981) aponta que as revoltas sociais no campo foram motivadas por fatores diferentes das deflagradas nos grupos urbanos e devem ser entendidas tendo em vista o processo de expropriação da terra, a concentração do capital, a conseqüente exclusão social e a formação do campesinato enquanto classe social. Cabe aqui ressaltar que existiram revoltas no próprio sertão nordestino brasileiro, que é o contexto espacial onde decorre a trama da minissérie. Janaína Amado (1995) aponta que a noção de “sertão” foi apropriada pelos brasileiros para denominar regiões longínquas ou quase desabitadas, ligadas, sobretudo, ao interior do país. Sua associação com o Nordeste brasileiro deve-se levar em conta essa característica.

Foi no sertão nordestino, motivado pelo coronelismo, que surgiu uma forma de resistência denominada por alguns autores como banditismo social. Para o historiador Eric Hobsbawm (2010) esse fenômeno caracteriza-se como uma forma alternativa de mudar a sociedade, mesclando aqueles que são considerados em seu seio como bandidos com o ideal maior de um movimento de maiores proporções capaz de representar a justiça feita com as próprias mãos.

A maior expressão do banditismo social no sertão nordestino foi o cangaço, movimento independente e marcado pelo uso da violência contra o sistema vigente. Contudo a adesão aos bandos de cangaceiros nem sempre era motivada por vingança ou autodefesa, esse meio de vida tornou-se área de realização, não só econômica, mas também de poder e prestígio. De acordo com Francisco Pernambucano de Mello:

Fazer-se cangaceiro significaria, nessa visão, responder a uma afronta sofrida, passando o ofendido a desenvolver toda a sua ação guerreira na busca de uma vingança capaz de reintegrar-lhe o rígido quadro de honra. O cangaceirismo seria o instrumento dessa vingança, que agiria como causa e ao mesmo tempo como fim para quem passasse a integrar grupo já existente ou, em esforço de aglutinação, viesse a criar bando próprio (MELLO, 2011: 115)

Dentre os personagens que fizeram parte do cangaço, sem dúvida o mais conhecido foi Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Segundo as autoras Karolina Gomes, Mônica Hackmayer e Virgínia Primo (2008), Lampião foi o cangaceiro que mais acendeu a imaginação popular, sempre envolto por lendas e narrativas em torno de sua figura, que o tratam como um justiceiro social por um lado e, por outro, como um bandido sanguinário.

Para vingar a morte do pai, morto em uma emboscada policial, Virgulino entrou para o cangaço em 1916. De acordo com o jornalista Wagner Gutierrez Barreira (2018), a história de Lampião recheia o imaginário popular há quase um século e suscita diversas narrativas, por vezes com versões variadas, indo de um sertanejo que combatia as desigualdades sociais, passando a um homem de negócios que fez do cangaço seu sustento, até um assassino cruel e impiedoso. No entanto, em todas as versões, sua figura aparece como um ícone da história nacional brasileira ligada ao Nordeste, à justiça social e à rebeldia.

Ao lado de Lampião, sua companheira Maria Bonita é uma das figuras centrais da minissérie e, conseqüentemente, da história do cangaço. Interpretada na trama pela atriz Tânia Alves, Maria Bonita é representada na minissérie como uma mulher forte, corajosa e que

desempenhou um papel fundamental nas ações do bando de cangaceiros, sobretudo por seu enlace de amor com Virgulino. Essa figura construída em torno da personagem rendeu-lhe o status de uma habilidosa guerreira do sertão, uma espécie de ícone feminino do cangaço. Vale lembrar que no imaginário popular brasileiro existem outras mulheres com papéis importantes em diversos movimentos sociais do campo, como a figura de Maria Rosa no Contestado, por exemplo.

No entanto, Adriana Negreiros (2018) contesta essa versão de Maria Bonita, resgatando sua verdadeira identidade, Maria de Déa, afirmando que na realidade, apesar de presentes e atuantes no cangaço, as mulheres viviam em situação de submissão aos homens, sofrendo inclusive violência física, psicológica e sexual. Maria Bonita não foi uma “Joana D’Arc”, mas uma mulher comum, que apesar de ter abandonado tudo na vida para seguir os passos de Lampião, viveu sob sua sombra.

Por mais que existam contestações a respeito do mito de Lampião, sua companheira Maria Bonita e seu bando de cangaceiros, suas histórias são de fundamental importância para se entender os movimentos sociais rurais do período da Primeira República e como era a vida do sertanejo frente à realidade política do país.

O quarto passo na proposta de aula de Marcos Napolitano é o “Roteiro”, que consiste na atividade que os alunos deverão realizar. É aconselhável que esta atividade seja realizada como tarefa de casa, já que o tempo das aulas não é suficiente para a exibição da minissérie.

Este roteiro se divide em quatro etapas: Na primeira, os alunos formarão grupos e assistirão em casa a minissérie *Lampião e Maria Bonita*;

na segunda, os grupos devem anotar as principais referências históricas presentes na minissérie, como os fatos e personagens apresentados; na terceira etapa, os estudantes devem perceber como os personagens se relacionam com a trama e seu desenvolvimento; por fim, na quarta etapa, os alunos vão pesquisar os principais acontecimentos históricos representados na minissérie em outras fontes, tais como livros, documentários, revistas, etc. cruzando as informações obtidas com o enfoque dado pela teledramaturgia (NAPOLITANO, 2008b). As fontes que serão consultadas pelos alunos devem ser sugeridas pelo professor, que precisa conhecê-las e analisá-las previamente para atingir os objetivos propostos.

Na tabela a seguir será apresentado o modelo tal qual proposto por Napolitano (2008b), mas adaptado às particularidades deste artigo, como a minissérie adotada e a bibliografia selecionada, bem como o detalhamento e o papel docente em cada etapa:

ATIVIDADE: A HISTÓRIA NA TV
Objetivo: Analisar como o conteúdo historiográfico é representado num programa de teledramaturgia.
Público alvo: Estudantes do Ensino Médio.
Material-fonte: Minissérie <i>Lampião e Maria Bonita</i> (TV Globo, 1982)
Texto gerador: BARREIRA, Wagner G. <i>Lampião e Maria Bonita: uma história de amor e balas</i> . São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

GOMES, Karolina; HACKMAYER, Monika; PRIMO, Virgínia. *Lampião, Virgulino e o mito: 70 anos do fim do cangaço*. São Paulo: Agenda Eclética, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2011.

NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o regime oligárquico. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 91-120.

Roteiro:

1ª etapa: o professor apresentará o tema do cangaço, conforme o planejamento curricular e o material didático utilizado, e vai disponibilizar o link de acesso à minissérie *Lampião e Maria Bonita*; os alunos formarão grupos e assistirão em casa;

2ª etapa: após assistirem a minissérie, na aula seguinte, o professor deve comentar sobre as informações básicas sobre o audiovisual e relacionar com o conteúdo estudado; os grupos devem anotar as principais referências históricas presentes na minissérie, como os fatos e personagens apresentados;

3ª etapa: o professor, através da aula expositiva, deve estimular os alunos a perceberem como os personagens se relacionam com a trama e seu desenvolvimento;

4ª etapa: o professor deve selecionar, analisar antecipadamente e sugerir aos alunos outras fontes, tais como livros, documentários, revistas, etc. que abordem a temática do cangaço; os estudantes vão precisar pesquisar os principais acontecimentos históricos representados na minissérie

cruzando as informações obtidas com o enfoque dado pela teledramaturgia.

Fonte: NAPOLITANO, Marcos. Como usar a televisão em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 94.

Conclusão

A utilização da minissérie *Lampião e Maria Bonita*, atendendo aos pressupostos já expostos aqui sobre as relações entre História e audiovisuais, televisão e ensino, podem torná-la uma valiosa fonte da História, bem como suscitar discussões a respeito da bibliografia selecionada e como os contextos históricos, políticos e sociais são representados durante a trama em elementos intrínsecos e extrínsecos ao próprio audiovisual.

As representações na minissérie sobre o cangaço, o sertão nordestino, os cangaceiros, Lampião e Maria Bonita perfazem um conjunto de representações sociais que perpetuam um tipo de saber histórico comum no imaginário social brasileiro a respeito desse movimento social do campo que surgiu diante do contexto histórico e social da República Velha (1889-1930).

Com a proposta metodológica apontada por Marcos Napolitano, usar da minissérie como recurso didático propicia um aprendizado mais prazeroso e conseqüentemente mais dinâmico sobre os conteúdos estudados em sala de aula durante as aulas de História.

Vale lembrar que, ao entender e identificar as representações sociais do cangaço presentes em *Lampião e Maria Bonita*, não se está fazendo uma apologia da fidedignidade das imagens com relação aos acontecimentos históricos que são o pano de fundo da trama, mas antes, problematizando a

construção ou reconstrução do fato histórico presente no conteúdo da teledramaturgia.

O que se espera ao final deste artigo é que sua proposta de fomentar a reflexão sobre a utilização de uma importante produção da teledramaturgia brasileira nas aulas de História possibilite o trabalho docente com esse tipo de fonte, sempre empregando uma metodologia adequada.

Além disso, espera-se que os estudantes possam valorizar a produção televisiva nacional que aborde contextos históricos e sociais, a tal ponto de problematizá-la e tomá-la como possível fonte do conhecimento histórico.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

BARREIRA, Wagner G. *Lampião e Maria Bonita: uma história de amor e balas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de Ensino de História*. Campinas: Papirus, 2003.

GOMES, Karolina; HACKMAYER, Monika; PRIMO, Virgínia. *Lampião, Virgulino e o mito: 70 anos do fim do cangaço*. São Paulo: Agenda Eclética, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

KORNIS, Monica Almeida. *Cinema, televisão e história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. Ficção televisiva e identidade nacional: o caso da Rede Globo. In: MORETTIN, Eduardo; NAPOLITANO, Marcos; SALIBA, Elias Thomé; CAPELATO, Maria Helena (Org.). *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda, 2011. pp. 97-114.

LAMPIÃO e Maria Bonita. Direção: Paulo Grisoli e Luiz Antônio Piá. Produção: Paulo Grisoli. Minissérie, 60'53". Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=lampiao+e+maria+bonita. Acesso em: 20 nov. 2021.

MACHADO, Michelli. *A História contada na televisão: um estudo sobre minisséries históricas*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil: As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2011.

MEMÓRIA GLOBO. *Dicionário da TV Globo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. v. 1: Programas de dramaturgia & entretenimento.

MENGER, Amanda. Uma proposta de uso da teledramaturgia em sala de aula. In: IV SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2012, Tubarão. *Anais do IV SIMFOP*. Tubarão: Editora da Unisul, 2012. pp. 1-11.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008a. pp. 235-290.

_____. *Como usar a televisão em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008b.

NEGREIROS, Adriana. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ALVES NETTO, José Augusto; AMARO, Hudson Siqueira. A arte e a história: diálogos com o ensino de história na pós-modernidade. In: MOLINA, Ana Heloísa et al. (Org.). *Ensino de História e Educação*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012. pp. 65-82.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 17-36.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o regime oligárquico. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 91-120.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

YASHINISHI, Bruno José. “*Uma belíssima história de amor e sangue*”: representações sociais do cangaço na minissérie *Lampião e Maria Bonita* (1982). 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

Recebido em: 17/01/2022

Aceito em: 20/05/2022